ANÁLISE DE TRAÇOS E CONTEÚDOS ESTEREOTÍPICOS DE UMA AMOSTRA DE CRIANÇAS NEGRAS

Saulo Santos Menezes de Almeida[1]

Resumo: Os estereótipos existem como estrutura cognitiva e representam traços ou conteúdos vistos como características de grupos sociais ou de membros individuais deste grupo. Foram investigadas 58 crianças de escolas públicas do interior da Bahia e Sergipe com idade entre 08 e 11 anos. As crianças foram convidadas a se autoclassificarem quanto a sua cor de pele, e à expor seus pensamentos acerca da associação de traços e conteúdos estereotípicos relativos a *beleza, riqueza, inteligência, bondade, contato e proximidade* frente aos alvos de uma criança negra e outra branca. Os resultados mostraram que as crianças negras não apresentam uma preferência significativa pelo alvo branco e nem associam conteúdos estereotípicos mais valorizados socialmente à cor de pele "branca", com exceção do traço relativo à riqueza, onde o negro é constatado como pobre, numa identificação que foge à desvalorização social e do preconceito.

Palavras-chave: Estereótipos. Preconceito. Raça. Crianças.

INTRODUÇÃO

A primeira definição de estereótipo surge com Lippmann, em 1922, que o define como uma imagem ou texto que se apresenta de forma rígida, sem profundidade e detalhes, mas produzindo uma semelhança que capta o suficiente para permitir uma reprodução fácil. É uma representação mental de grupos sociais com detalhes suficientes para permitir saber o que os membros de um grupo são sem nem precisar encontrá-los (STANGOR; LANGE, 1994).

Estas representações contêm atributos e traços, tanto positivos, quanto negativos, direcionados a grupos e seus membros, e geram expectativas sobre comportamentos dos membros do grupo. Desta forma, os estereótipos têm uma função explícita quando usados para guiar os julgamentos, ou implícita quando influenciam o julgamento sobre alguma pessoa ao ser evocado sem intenção ou sem consciência.

De forma mais basilar, ocorrem associado à categorização social, que é um processo

[1] Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe. Professor Adjunto I da Universidade Salvador. E-mail: saulosma@hotmail.com.

natural que ocorre espontaneamente em nosso dia a dia e representa uma importante forma de conhecimento social. Este processo de categorização envolve também a autocategorização, que se refere à forma na qual o indivíduo percebe sua interação com outras pessoas. Em geral, os estereótipos existem como uma estrutura cognitiva, por meio de esquemas, protótipos e exemplares (STANGOR, 2009).

Levando em consideração a importância e as influências dos agentes socializadores, entende-se que os estereótipos são reproduzidos e pensados em meio a ambientes compartilhados com esses agentes. Reforça-se o interesse em entender o impacto das relações sociais na manutenção ou reformulação de crenças. Se as crianças constroem suas crenças a partir do processo de socialização, reproduzindo ou repensando estereótipos aprendidos nestes ambientes, estes levam à ocorrência de atitudes e relações intergrupais (TECHIO, 2011). Espera-se que as crianças construam suas relações sociais e intergrupais baseadas em estereótipos e categorias assimilados e apreendidos nestes ambientes.

Segundo Nesdale (2004), a escolha dos pares é baseada nas interações do momento, e em características sexuais, físicas, cognitivas e de temperamento. Crianças rejeitam pares atípicos com base na identidade do grupo estigmatizado. As crianças que sofrem exclusão podem demonstrar comportamento preconceituoso para com os outros, e perpetuar um ciclo de atitudes negativas intergrupais. É a maneira como a criança se socializa com as demais e a maneira como o diferente lhe é apresentado que dirá como ela vai lidar com os estereótipos postos na sociedade, o que salienta a necessidade de entender as atitudes entre as próprias crianças.

Como deve estar nítido, os estereótipos são aprendidos no início da vida, tornam-se fortemente arraigados e estabelecidos em nossas memórias. Essas estruturas de conhecimento consensual e bem aprendidas são ativadas automaticamente na mera presença de membro do grupo-alvo. Podemos definir os estereótipos como crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contém informações não apenas sobre estes atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados. Consequentemente, o processo de estereotipização surge da aplicação de um julgamento estereotipado a um indivíduo de forma a apresentá-lo como portador de traços intercambiáveis com outros membros de uma mesma categoria (PEREIRA, 2002). A introjeção de crenças e estereótipos acerca do negro, por exemplo, transformam-no em um ser estigmatizado, e isto pode levar as crianças a carregar estereótipos

que influenciam negativamente a autopercepção das pessoas pertencentes a um grupo que foi estereotipado culturalmente, socialmente e historicamente. Assim, deve-se entender que estas crenças e estereótipos acerca do negro são introjetadas pelas crianças através do processo de socialização.

Embora a ameaça da identidade social possa ser mais provável e mais fortemente sentida entre os grupos historicamente estigmatizados, é uma situação que pode acontecer com qualquer um, não só porque qualquer pessoa pode desenvolver uma reputação pessoal negativa, mas também porque a maioria dos grupos podem ser comparados a qualquer outro grupo. Sugerimos que a tentativa de refutar um estereótipo negativo desperta ansiedade, porém, se a ameaça do estereótipo prejudica tarefas complexas, facilita as simples. No geral, a ameaça prejudica o desempenho, esgotando os recursos cognitivos necessários para todos os tipos de expectativas.

Quanto às crianças, estas não são apenas cientes das identidades, mas também estão familiarizadas com seus estereótipos. Na adolescência, a centralidade de gênero e etnia, combinada com as suas associações estereotipadas estabelecidas durante a infância tornam-as especialmente vulneráveis à ameaça de estereótipo, embora seus efeitos tenham sido observados nos alunos mais jovens.

Como resultado, temos a tendência a favorecer o nosso próprio grupo e demonstrar hostilidade em direção a outros grupos. Assim, as pessoas podem perceber as ameaças de grupos externos. Uma ameaça intergrupal é a percepção de que outro grupo está em uma posição que pode prejudicá-los. Os estereótipos negativos podem ser um preditor significativo de ameaças reais e simbólicas. O grau em que as pessoas percebem ameaças de outro grupo depende de relações anteriores entre os grupos, os valores culturais dos membros do grupo, as situações em que os grupos interagem, e as variáveis de diferenças individuais.

Neste ponto, discute-se acerca de traços e conteúdos estereotípicos, uma vez que as identidades sociais e as manifestações clássicas de discriminação estão diminuindo por causa das formas não tão explícitas de transmitir crenças negativas acerca de outras pessoas ou grupos, que emanam da formulação de leis que visam beneficiar os grupos minoritários, coibindo manifestações e atitudes discriminatórios, e penalizando aqueles que o infringem, porém, possibilitando novas formas de expressão dos estereótipos e do preconceito (LIMA, 2002; FERNANDES; ALMEIDA, 2008). Enfim, pensando na relação das crianças com os

estereótipos, tem-se demonstrado que o que ocorre com as crianças em suas visões de mundo é a introjeção das normas sociais atuantes na sociedade e cultura particular a cada criança, principalmente a partir do processo de socialização e seus principais agentes, conforma será discutido a seguir.

Os estereótipos compõem, pois, a base cognitiva do preconceito e quando se trata da socialização de estereótipos e do preconceito em crianças, alguns pesquisadores (LEVY; HUGHES, 2009) sugerem que as crianças entre 5 e 9 anos de idade apenas imitam os comportamentos dos adultos, o que não representaria atitudes verdadeiras, enquanto outros pesquisadores explicam que estas atitudes são verdadeiras e aprendidas pelas crianças, e que somente se diminuiria o preconceito se houvesse um aprendizado constante sobre costumes e tradições culturais de diferentes cores, bem como o aprendizado sobre a história das injustiças raciais contemporâneas.

Há ainda aqueles que defendem uma falta de sofisticação social para a tolerância. As crianças por serem imaturas cognitivamente, são abertamente preconceituosas, sendo minimizado este atributo ao passo que ocorre uma maturação das estruturas cognitivas, fazendo com que as crianças construam representações do mundo de forma mais tolerante e julgando as pessoas não apenas pela aparência, mas em termos de componentes internos como inteligência, bondade, amizade (FRANÇA; MONTEIRO, 2004).

Já as abordagens do desenvolvimento sociocognitivo combinam elementos das abordagens sociais e cognitivas. A teoria do Desenvolvimento da Identidade Social (TURNER; BROWN; TAJFEL, 1979), por exemplo, afirma que a mudança fundamental no foco da criança ocorre a partir do entendimento das categorias sociais, buscando compreender as numerosas identidades sociais das pessoas e salientando as diferentes situações de comportamento e julgamentos.

Concernente à identidade social, mais importante que a pertença a um grupo é o sentimento relacionado a esta pertença. Para Tajfel (1981), a identidade do indivíduo pertencente a um grupo se dá quando o autoconceito do indivíduo se une ao significado emocional dando valor à filiação ao grupo, sabendo que, o indivíduo busca um novo grupo se este contribuir para melhorar os aspectos positivos de sua identidade social ou reinterpreta os atributos deste, tornando-os mais aceitáveis. Desta forma, há de se questionar se na atual realidade de mudanças sociais, onde os grupos começam a modificar-se frente a essa

realidade, em que grupo realmente ele tem esse sentimento de pertença, e como ele avalia os *outgroups*?

1 MÉTODO

1.1 Participantes

A pesquisa contou com 58 crianças negras, com idade entre 08 e 11 anos de idade. Para a categorização da criança quanto à cor da pele, foi feita uma avaliação através de juízes (pesquisador, professores e corpo administrativo da escola) que definiam a cor numa escala de 1 a 7, sendo que quanto mais se aproximava de 1, mais branca era a criança, e quanto mais se aproximava do valor 7, mais negra era a criança. Assim, as crianças foram categorizadas como negras, numa escala entre 6 e 7. As crianças eram provenientes de escolas públicas do interior da Bahia.

1.2 Instrumentos

As crianças foram convidadas a se autoclassificarem quanto a sua cor de pele, e também foram convidadas a expor seus pensamentos acerca da associação de traços estereotípicos relativos à *beleza, riqueza, inteligência, bondade, contato e proximidade* frente a dois alvos (fotos de uma criança negra e outra branca) apresentados em imagens. Salienta-se que estas fotos foram padronizadas e utilizadas em outros estudos anteriores, tais como os de França e Monteiro (2004). As perguntas foram dirigidas às crianças de forma padronizada e simples, uma por vez, e pedindo às crianças que escolhessem qual dos alvos se enquadraria melhor nos atributos determinados (ex.: Mostre as palavras que mais combinam com essa criança. Bonito ( ) ou feio ( )? Essa palavra quer dizer uma coisa boa ou ruim?).

1.2 Procedimentos éticos

As escolas e os pais dos entrevistados, depois de contatados, foram responsáveis por determinar o local de entrevista e aplicação do questionário, que foi a própria escola da

criança, em local reservado, com a presença somente do entrevistador. Após a assinatura do termo de consentimento pelos pais e do termo de assentimento pelas crianças, os entrevistados foram convidados a responder a entrevista individual para investigação dos traços estereotípicos, numa duração total de cerca de 20 minutos para cada criança. Ressalta-se que esta pesquisa compõe o projeto denominado "Mensuração de valores psicossociais" aprovado pelo Comitê de Ética sob CAE 44153115.6.0000.5033, conforme Resolução 466/12.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando questionadas acerca da sua cor de pele, dentre os diversos rótulos relativos a cores de pele, destacam-se as declarações relativas a cor "branca" (36 indicações), e a morena (26 indicações). Apesar de outras cores de pele surgirem, estas duas autodeclarações foram responsáveis por 62% das escolhas das crianças, conforme Tabela 1.

TABELA 1 - FREQUÊNCIAS DA COR DE PELE AUTODECLARADA

Rótulos Verbais	Frequência
Café com leite	4
Cor de pele	0
Marrom	6
Meio parda	1
Misturada	2
Morena	26
Morena clara	0
Morena marrom	0
Negra	12
Parda	1
Preta	6
Total	58

Pode-se pensar que a escolha preponderante da cor de pele morena tem uma

aproximação com o que é mais valorizado socialmente. Esta realidade faz com que haja uma busca por identidades mais valorizadas, assim como nos apresenta Tajfel (1981) ao afirmar que se o indivíduo ou o grupo é discriminado socialmente, este poderá buscar a estratégia de se aproximar do grupo mais aceito, adquirindo características desse grupo. Ser socialmente definido como moreno representa uma vantagem em relação aos que são socialmente definidos como preto-negro, pois a resguarda do preconceito racial entre crianças não a expõe num ritual de inferiorização com prováveis consequências para seu desenvolvimento psíquico, emocional, cognitivo e social (ROCHA; ROSEMBERG, 2007). Porém, ainda que as crianças tenham tido um comportamento de evitar classificar-se, em sua maioria, como negras, em relação aos traços estereotípicos atribuídos às crianças negras apresentadas nas fotos, estes foram mais positivos, sendo a única exceção a do estereótipo acerca da riqueza, onde a criança negra apresentada em foto foi vista como pobre, conforme Tabela 2.

TABELA 2 - ATRIBUIÇÕES DE TRAÇOS E CONTEÚDOS ESTEREOTÍPICOS À CRIANÇA NEGRA, À BRANCA E A SI MESMO

Estereótipos		Branca	Negra
Beleza	Bonita	47	74
	Feia	53	26
Inteligência	Inteligente	75	76
	Burro	25	18
Estudos	Estudioso	68	60
	Não-estudioso	32	40
Comportamento	Comportado	65	66
	Briguento	35	34
Bondade	Bonzinho	73	78
	Malvado	27	22
Riqueza	Rico	65	24
	Pobre	35	76

Os resultados demonstram que as crianças apresentam uma maior tendência à escolha

da característica “bonito” para as crianças negras. Deduz-se que as mesmas possam construir uma representação positiva de seu grupo racial, que no caso é o grupo dos negros. Ainda que algumas percebam-se como integrantes do grupo “morenos”, o que as levam a se perceberem como possuidoras dos atributos intercambiáveis deste grupo, estes dados mostram que em um processo de socialização as crianças também refletem sobre a realidade que as circunda, construindo e desconstruindo imagens identitárias ou estereotípicas, ainda mais quando se tem uma imersão em diversos grupos que colocam em questionamento padrões de beleza construídos socialmente.

Historicamente, os atributos físicos ditos dos negros são geralmente pensados de forma mais negativa e postos em comparação desfavorável aos ideais estéticos (“cabelo ruim, duro”, “Bombril” (palha de aço); “nariz chato, grosso”). Neste sentido, pondera-se quanto à identidade social destas crianças, que se pensada em termos de afiliação emocional, podem apresentar uma busca pelo pertencimento ao grupo dos brancos, ao mesmo tempo que também se afastam deste, fazendo-as elencar características ou estereótipos positivos acerca de si e do grupo.

Uma nova identidade negra baseando-se na cor (consciência de cor, orgulho negro, modo de disposição e apresentação original do corpo negro) mais do que a identificação e envolvimento com os aspectos mais tradicionais da cultura negra vem a sedimentar uma “cultura negra” ou “cultura afro-baiana” (SANSONE, 1994), que pode impactar em uma nova forma de processo de socialização das crianças negras na Bahia. Uma nova negritude renova-se nas práticas políticas, sociais, educacionais e, especialmente culturais dos negros em todo o país.

Isto faz pensar nas mudanças acerca das crenças relativas ao negro fortalecidas pelo movimento negro, que suscita um aumento da autoestima e corroboram com uma perspectiva onde a criança consegue refletir acerca da realidade que o circunda, e suas expressões comportamentais e linguísticas são vistas a partir de sua própria experiência e não numa perspectiva adultocêntrica.

Sobre a capacidade cognitiva das crianças brancas e negras apresentadas em fotos, Lima e Vala (2004) demonstraram que em sociedades multirraciais a cor da pele tende a ser associada de forma racista à atribuição de sucesso e fracasso social aos indivíduos, o que, consequentemente, pode-se inferir que teriam uma menor capacidade cognitiva. No entanto,

os resultados deste estudo demonstram uma realidade diferenciada, onde as crianças, em geral, não associam uma menor capacidade cognitiva nem às crianças negras, nem às crianças brancas.

Esses resultados podem continuar a ratificar um processo de socialização onde se apresenta um fortalecimento da identidade social do negro e corroboram para que os estereótipos negativos acerca do negro, compartilhados socialmente, tenham menor impacto nas crianças, sugerindo que as mesmas repensem suas posições sociais no contato com outros indivíduos, em especial, os seus pares.

Refletindo no processo de socialização dos estereótipos e do preconceito, poderia até esperar que as crianças possuíssem um viés mais negativo ao rotular as crianças negras, principalmente, quando se pensa nos espaços escolares e na mídia, o que não acontece. Ainda mais pensando em um contexto escolar – considerado um dos espaços que interferem na construção da identidade negra – podia-se esperar a desvalorização de identidades e diferenças através da discriminação ou até mesmo negação.

Sabendo ainda que os estereótipos se associam à homogeneidade, pressupunha na amostra de participantes desta pesquisa, que haveria de se apresentar uma atribuição de características homogêneas aos alvos, pois facilita a distintividade em relação a outros grupos, além da atribuição de características aos alvos carregadas de avaliação, além da simples descrição (PEREIRA, 2002). Neste sentido, era esperado que as crianças negras vissem as outras crianças negras como mais perigosas e/ou criminosas, porém nada foi encontrado. As crianças negras entrevistadas avaliam positivamente as crianças negras das fotos e, inclusive, as crianças brancas chegam a avaliar positivamente as crianças negras mais do que o esperado.

Essa expectativa de uma identificação do negro com o criminoso é ponto histórico. O negro passou a ser o alvo dos estereótipos da criminalidade e da delinquência. A tese da superioridade branca tenta conciliar a sociedade multirracial às teorias bioantropológicas, mediante o argumento de que, no Brasil, o branco prevalece através da miscigenação e a miscigenação é a salvação. A ideologia racista revela, pois, que o branco possui uma boa índole, cultura superior, apreço ao trabalho e valores éticos e civilizatórios, enquanto o negro possui má índole, cultura e desprezo ao trabalho e aos valores éticos e civilizatórios (SOUZA, 2013).

Na pesquisa sobre o mapa da violência no Brasil, publicada em 2012, que compara resultados dos anos de 2002 até o ano de 2010, percebe-se que há uma diferença de 89% entre as mortes de negros e brancos. Enquanto, em 2010, 34,5% dos casos de homicídios tinham vítimas brancas, 65,1% tiveram vítimas negras, sendo que esta diferença sobre para 125,6% quando se trata da população jovem.

Se tomarmos a unidade federativa, na Bahia temos um aumento de 163,5% de homicídios da população branca, e 295,4% da população negra. Bahia, Paraíba e Pará foram as unidades que tiveram maior crescimento no seu número de homicídios negros nesse mesmo período, mais que triplicando em 2010 os números de 2002. Sabendo desta realidade seria esperado que estes traços viessem à tona nas respostas das crianças, o que não acontece.

No entanto, ainda que não identifiquem os negros como pessoas briguentas ou malvadas, as crianças deste estudo associam a cor de pele do negro como pessoas pobres. Conhecendo que categorias e estereótipos são aprendidos em meio ao processo de socialização, neste caso do nível socioeconômico, fica evidenciado que as crianças reproduzem a crença de que ser negro é ser pobre.

Levando em consideração os dados já discutidos, por se tratar de um conteúdo evidenciado nas mídias sociais ou mesmo de modo observacional pelas crianças, e não ser um traço de personalidade, as crianças podem relatar o observado de forma mais autônoma, reflexiva. Também a partir da teoria da identidade social, pode-se entender que os traços e conteúdos estereotípicos somente podem ser entendidos a partir do contexto em que são produzidos, e assim, fatores ambientais, como situações de conflitos grupais e diferenças de poder e papéis sociais, justificam o status quo, atendendo as necessidades da identidade.

De forma complementar a uma literatura psicossocial, pode-se pensar que essa realidade pode ser explicada pelo processo histórico no Brasil. O processo de socialização pode estar muito vinculado ao processo de miscigenação cultural no Brasil que produz mitos como o da democracia racial, onde a estratificação social é vista como a principal responsável pela discriminação, levando a uma ideia de exclusão social não por ser negro, mas por ser pobre. O branqueamento e ascensão social podem aparecer como sinônimos, já que as crianças negras são socializadas em um contexto de uma maioria branca.

Diante de todos estes resultados, tem-se a convicção de que as crianças desta pesquisa se mostram observadoras da realidade social, pois se atentam para os padrões de beleza e de

nível socioeconômico. Estas realidades são bastante visíveis tanto de forma midiática quanto na simples percepção dos contextos que circundam as cidades.

É bom lembrar que a presente pesquisa apresenta limitação quanto à amostra que se reduz a crianças de uma realidade social semelhante, o que dificulta a generalização destes resultados, além de que se faz necessária também uma comparação com o grupo de brancos. Portanto, vê-se a necessidade de novas pesquisas que ampliem o número de entrevistados, em outras regiões do país, a fim de subsidiar novos grupos de discussão sobre o preconceito, o racismo e identidades raciais e suas possíveis repercussões no desenvolvimento humano, levando em consideração as limitações deste estudo, já apresentadas anteriormente.

ANALYSIS OF TRACES AND ESTEREOTYPICAL CONTENT OF BLACK CHILDREN'S SAMPLE

Abstract: Stereotypes exist as cognitive structure and represent features or content seen as social groups or characteristics of individual members of this group. Fifty-eight children of public schools in the interior of Bahia, aged from 08 to 11 years, were studied. Children were invited to rank as your skin color, and to expose their thoughts about the association traits and stereotypical content related to *beauty*, *wealth*, *intelligence*, *kindness*, *contact* and *proximity* compared to the target of a black child and a white. The results showed that black children do not show a significant preference for white target and not associate most valued stereotypical content socially skin color "white", trace exception with relative wealth, where the black is found to poor, an identification evades social devaluation and prejudice.

Keywords: Stereotypes. Prejudice. Race. Children.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Sheyla; ALMEIDA, Saulo; NASCIMENTO, Conceição. Análise do preconceito racial em uma amostra de crianças brancas de 5 a 8 anos de idade. **Revista Psico**. Porto Alegre, v.39 n.4, p. 441-447, out./dez. 2008.

FRANÇA, Dalila; MONTEIRO, Maria Benedita. As novas expressões de preconceito racial na infância. **Análise Psicológica**, v. 22, n.4, p. 705-720, 2004.

LEVY, Sheri; HUGHES, James. Development of racial and ethnic prejudice among children

In T. Nelson (Ed.). **Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination**. New York, NY: Psychology Press, p. 23-42*,* 2009.

LIMA, Marcus. **Normas sociais e racismo:** Efeitos do individualismo meritocrático e do igualitarismo na infra-humanização dos negros. Tese de Doutorado não-publicada, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, Portugal, 2002.

LIMA, Marcus; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia,** v.9, n 3, p. 401-411, 2004.

NESDALE, Drew. Social identity processes and children's ethnic prejudice. In M. Bennett and F. Sani (eds). **The Development of the Social Self**. Hove: Psychology Press, p. 219–245, 2004.

PEREIRA, Marcos. **Psicologia Social dos Estereótipos**. São Paulo: EP, 2002.

ROCHA, Edmar; ROSEMBERG, Fúlvia. Autodeclaração de cor/cor entre escolares paulistanos(as). **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n. 132, p. 759-800, 2007.

SANSONE, Livio. Nem somente preto ou negro: o sistema de classificação racial no Brasil que muda. **Afro-Ásia**, v. 18, n.2, p.165-187, 1996.

SOUZA, Mario. Racismo como instrumento epistemológico e político para o entendimento da situação da população negra na sociedade brasileira. **Revista da ABPN**. v.6, n.12, p. 06-19, 2013.

STANGOR, Charles. The study of stereotyping, prejudice, and discrimination within social psychology: A quick history of theory and research. In NELSON, Tood. (Ed.), **Handbook of prejudice, Stereotyping and Discrimination**. New York: Psychology Press, 2009.

STANGOR, Charles; LANGE, James. Mental representations of social groups: Advances in conceptualizing stereotypes and stereotyping. **Advances in Experimental Social Psychology**, v. 26, p. 357–416, 1994.

TAJFEL, Henri. **Human Groups and Social categories:** studies in Social Psychology. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

TECHIO, Elza; Lima, Marcos. **Estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal**. Brasília: Technopolitik, 2011.

TURNER, John; BROWN, Robert; TAJFEL, Henri. Social comparison and group interest in ingroup favouritism. **European Journal of Social Psychology***,* v. 9*,* n. 2, p. 187–204, 1979.